**AUTONOMIA E FELXIBILIDADE CURRICULAR: O QUE NOS DIZEM OS PROFESSORES DE UM AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DO LITORAL ALENTEJANO**

Marília Favinha 1

Felismina Covas 2

**RESUMO**

No programa do XXI Governo Constitucional a educação é assumida como um meio privilegiado de promover a justiça social e a igualdade de oportunidades, sendo a mobilização da sociedade portuguesa para o combate ao maior entrave à qualidade do ensino, à aprendizagem, à equidade e ao cumprimento da escolaridade obrigatória, que é o insucesso escolar, a principal prioridade.

A escola e a sua capacidade de organização e autonomia para a identificação de estratégias eficazes neste combate, apresentam-se assim como pontos focais para o cumprimento deste desígnio, dando-se ênfase a uma gestão mais flexível e integrada do currículo, dos recursos, dos tempos e espaços escolares adequados aos múltiplos contextos existentes, evidenciando-se, desta forma, a palavra flexibilidade como a palavra-chave do programa do XXI Governo, no que à educação concerne, uma vez que a gramática escolar ainda hoje existente, com um currículo pronto-a-vestir de tamanho único para todos, como refere Formosinho (1987), não é mais eficaz.

Neste cenário foi autorizada, em regime de experiência pedagógica no ano escolar 2017-2018, a implementação do Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular (PAFC) dos ensinos básico e secundário, através do Despacho n.º 5908/2017, de 5 de julho.

Neste texto apresenta-se o olhar dos atores deste Projeto num Agrupamento de Escolas do Litoral Alentejano, reflectindo-se sobre as potencialidades e os constrangimentos encontrados no percurso.

**Palavras Chave:** escola, educação, currículo, autonomia, organização, flexibilidade, projeto

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

1 Departamento de Pedagogia e Ciências de Educação Universidade de Évora

2 Centro de Formação de associação de Escolas do Litoral Alentejano

**Introdução:**

A escola que temos atualmente assenta ainda nas necessidades sociais vigentes no século XIX resultantes da revolução industrial, quando urgia escolarizar a população campesina, dotando-a de disciplina numa ordem mecânica de reprodução e repetição, compatível com o contexto fabril de cadeia de montagem.

Enquadrada nessa realidade a escola segmentou os tempos, os espaços, os saberes e os recursos, tornando exequível, à luz da realidade e necessidade de então, a missão de ensinar a todos como se de um só se tratasse.

Contudo, a escola que fracciona os alunos em anos e turmas; os professores por áreas do saber; os tempos escolares em minutos estandardizados e os espaços em salas de aula com organização pouco ou nada flexível, ou seja, uma escola estruturada numa pedagogia coletiva e uniforme já não responde à solicitações e necessidades da sociedade do século XXI que se apresenta cada vez mais dinâmica e em constante mudança.

A sociedade actual permite o acesso fácil à informação, sendo o cidadão cada vez mais “bombardeado” com informação que lhe chega por diversas vias e de diferentes formas. Todavia, hoje não se requer mais que este obtenha essa informação e a reproduza, mas sim que saiba utilizá-la e mobilizá-la noutros contextos e com outras finalidades.

Face a esta realidade torna-se evidente que o modelo de escola atual requer uma metamorfose profunda quer a nível político, como organizacional e profissional.

Há que pensar e desenvolver uma nova forma de organizar a escola e o seu currículo.

As políticas educativas apontam cada vez mais para a autonomia das escolas e as estruturas directivas e intermédias das escolas devem cada vez mais seguir esse fio condutor e explorar todo o novo espaço organizacional que se abre com esta realidade, mas o epicentro da mudança terá que ser o professor e a sua prática profissional.

Há que mudar o foco do campo político e administrativo, que prescreve um currículo (ainda que aceitemos o currículo prescrito que um dado poder político considere como necessário) para o palco da ação educativa que é a escola e a sala de aula, onde o currículo prescrito se transforma em currículo aprendido, onde se terá de flexibilizar e diferenciar os processos para a inclusão de todos, para que todos possam ter o máximo de sucesso, pois a missão central de escola é fazer aprender todos os alunos (Roldão, 2009).

Desta forma e porque o cenário de flexibilidade curricular que se apresenta no palco educativo português é um caminho em exploração, este será o epicentro da reflexão que se encontra centrada no trabalho desenvolvido no Agrupamento de Escolas de Santo André, localizado no Concelho de Santiago do Cacém, distrito de Setúbal (uma das 235 escolas participantes no projeto piloto de Autonomia e Flexibilidade Curricular (AFC) no ano letivo 2017-2018).

É de salientar que no cenário nacional o Agrupamento de Vila Nova de Santo André é um Agrupamento de média dimensão, apresentando cerca de 1400 alunos, 150 docentes e 50 técnicos administrativos e auxiliares e que, não fugindo a todos os constrangimentos e potencialidades existentes na embriogénese de um projeto, o Agrupamento, trilhou o seu caminho entre dúvidas e certezas colocando sempre o enfoque na melhoria das aprendizagens efectivas e dos resultados escolares dos seus alunos.

**PAFC, o olhar dos seus atores**

Nesta reflexão o nosso olhar centrou-se no projeto de flexibilidade curricular ao nível das turmas do 5º ano de escolaridade, tendo-se este construído em torno do tema: Os Jogos Olímpicos e Paralímpicos.

Neste projeto a flexibilidade curricular teve expressão máxima ao nível das práticas de trabalho colaborativo entre os docentes dos 5 conselhos de turma de 5º ano tendo este trabalho colaborativo sido potenciado devido ao facto destes conselhos serem na maioria das turmas coincidentes o que conduziu a um trabalho em equipas pedagógicas de forma natural.

Analisando a esfera organizacional do projeto em causa é de salientar o facto de que para a consecução do mesmo todos os docentes contribuíram com os tempos letivos das suas disciplinas (e não necessariamente o mesmo número de tempos por disciplina, mas sim o número de tempos necessários à exploração dos conteúdos em causa), tendo nesses tempos sido desenvolvidas dinâmicas de trabalho diferentes das habituais que foram previamente discutidas em pequeno grupo por docentes do conselho de turma em momentos de reunião informal e que por vezes se traduziram em práticas partilhadas entre docentes em contexto de sala de aula.

Ao nível organizacional, foi evidenciado também como fator potenciador de sucesso do projeto o facto de os tempos letivos em que este se desenvolveu terem sido muitas vezes contínuos na mancha horária das turmas, o que permitiu aglutinar de forma mais efectiva os conhecimentos de disciplinas distintas em torno do grande tema: os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos.

É de salientar que, a orgânica deste projeto, tentou nunca perder o foco das aprendizagens essências de cada disciplina, pelo que independentemente das estratégias pedagógicas desenvolvidas o currículo foi o denominador comum, na tabela seguinte está expresso algum do currículo desenvolvido no âmbito deste projeto.

**Tabela 1 –** *Contributo de cada disciplina na consecução do PAFC*

|  |  |
| --- | --- |
| **Disciplina** | **Conteúdos disciplinares trabalhados** |
| Português | Análise de textos (texto narrativo) |
| História e Geografia de Portugal | Estudo da história dos Jogos Olímpicos e o papel da mulher na participação dos mesmos ao longo dos tempos |
| Inglês | Ensaio dos Hinos dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos |
| Matemática | Estatística (Análise de records olímpicos) |
| Ciências Naturais | A água - Importância da Hidratação |
| Educação Física | Treino de modalidade olímpicas |
| Educação Tecnológica | Construção de tochas e coroas |
| Educação Visual |
| NOTA: A Biblioteca Escolar articulou com os conselhos de turma sendo um espaço de pesquisa e de trabalho. | |

Utilizando os dados presentes na tabela e fazendo uma apreciação/análise do processo os docentes consideram que o facto de os alunos poderem, por exemplo, estudar o o texto narrativo, fazendo-o com textos contextualizados nesta temática, motivou-os e apropriou-os mais rapidamente dos conteúdos em questão; o facto de poderem, através da análise de diferentes records olímpicos, adquirir a noções estatísticas, fê-los compreender os conceitos de forma mais consistente, reconhecendo os alunos a aplicabilidade destes conhecimentos na vida real.

Em suma, no que a fatores internos do Agrupamento concerne, os docentes envolvidos referiram que apesar de se ter apresentado inicialmente como uma fraqueza as muitas dúvidas e inseguranças apresentadas, decorrentes do facto de este ser um projeto piloto e se apresentar como um caminho desconhecido, tal conduziu à maior necessidade de criação de momentos internos de discussão e partilha de ideias, o que se revelou positivo nomeadamente na escolha do tema do projeto e na sua orgânica e/ou seu modo de operacionalização, levando a uma maior apropriação por parte destes.

A somar ao anteriormente exposto, evidencia-se também como fator determinante para o desenvolver do projeto o facto de este ser pensado, construído, desenvolvido, monitorizado e avaliado por um conjunto de docentes que desenvolve a sua prática letiva no mesmo agrupamento há longo tempo tendo, por tal, um profundo conhecimento dos pares, das suas potencialidades e dos seus constrangimentos

Outro fator apresentado como preponderante foi a existência, no seio do grupo, de um docente que, pelo seu perfil, liderou o grupo, agregando os diversos elementos.

Projetando a análise para o campo exterior ao Agrupamento apresentou-se como uma oportunidade o facto de se ter envolvido os Encarregados de Educação, nomeadamente na pesquisa de informação e na construção de materiais diversos com os seus educandos e também o facto dos Encarregados de Educação terem sido levados ao Agrupamento no dia Olímpico, dia em que os alunos simularam um dia nos jogos olímpicos.

**Considerações Finais**

Após radiografada a realidade deste agrupamento, torna-se claro aos docentes nele envolvidos que esta forma de pensar e agir em educação é de facto condição *sine qua non* para a mudança de paradigma, que a velha cartilha pedagógica e organizacional se encontra desfasada e que tal como refere Roldão (2003) os professores têm de deixar de considerar a sua disciplina como soberana, havendo cada vez mais a necessidade de criar espaço para interceções e pontos de contacto no currículo.

Assente numa premissa de que a realidade não é estanque e que a educação também não o pode ser, torna-se grande o desafio de pensar a ação docente e o modelo organizativo das escolas, esperando este grupo de docentes que se atue no futuro de forma mais holística e integrada flexibilizando não só as práticas como também os tempos, os lugares e os intervenientes no currículo.

Que a gestão do currículo deve ser flexível e que tal implica a tomada de decisões, que o professor não pode ser mais um simples executor do currículo prescrito, que a escola deve questionar-se sobre a forma de gestão do currículo para que a aprendizagem faça sentido aos alunos, para que estes possam desenvolver as competências previstas no perfil do aluno do século XXI não podendo o aluno ser mais um mero receptor, ele tem que estar no centro do processo educativo.

A escola não pode mais almejar que todos aprendam de mesma forma e ao mesmo ritmo, pois, apesar do mestre na cadeira dizer a todos, não ensina a todos, tal como refere Padre António Vieira no Sermão do Espirito Santo, explicitando este que o mestre dizia a todos porque todos ouviam mas não ensinava a todos, porque uns aprendiam e outros não pois para aprender não bastava ouvir por fora, era necessário entender por dentro (http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000019pdf.pdf).

Contudo, e tal como está presente no relatório da OCDE de avaliação intermédia do projeto, estas práticas apesar de serem vitais, não serão completamente atingidas a curto prazo e cultivar estas ou outras práticas profissionais que permitam aos professores e alunos exercer a autonomia leva tempo.

Nesta linha de pensamento, torna-se evidente também a este grupo de docentes que a identificação de opções curriculares eficazes que o PAFC permite será um processo lento e gradual, que acontecerá a diferentes ritmos dependendo de muitas variáveis, que será um processo onde se jogam capacidades individuais e colectivas para “experimentar” novas possibilidades, sempre no sentido de fazer coincidir a ideia de sociedade que se tem e a de escola que sirva essa ideia e que as diversas hipóteses organizativas já “experimentadas” nas escolas portuguesas mostram que há a necessidade de mudar e encontrar um modelo organizativo próprio, tal como referem Formosinho, Alves e Verdasca (2016).

Formosinho, J.; Alves, J. M. e Verdasca, J. (org) (2016) *Uma nova organização pedagógica da Escola: Caminhos de possibilidades.* V. N. de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Roldão, M.C. (2003) *Diferenciação Curricular Revisitada – Conceito, Discurso e Praxis*. Porto: Porto Editora.

Roldão, M.C. (2009) *Estratégias de Ensino. V. N. de Gaia* : Fundação Manuel Leão.

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000019pdf.pdf>, acedido em 15/10/2018.

*Curriculum Flexibility and Autonomy in Portugal - an OECD Review*